

## O PAPEL DA VARIAÇÃO DIAGENÉRICA NA CONCORDÂNCIA VERBAL DA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

Cássio Florêncio Rubio – UNESP – SJRP

**Resumo:** Considerando que inúmeras pesquisas sociolinguísticas realizadas sobre a concordância verbal (CV, daqui em diante) de terceira pessoa do plural (3PP, daqui em diante) evidenciaram a variabilidade do fenômeno, investigamos, por meio do controle de fatores sociais e linguísticos, a CV na fala da Região Noroeste do Estado de São Paulo, usando, como subsídio principal, a Teoria da Variação Linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972). O *cópus* utilizado para a realização de nossa pesquisa provém do Banco de Dados Iboruna, que, constituído pelo Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), compõe-se de amostras de fala de 152 informantes da região. Para a realização desta pesquisa, foi constituída uma subamostra, composta de 76 entrevistas, estratificadas uniformemente mediante os fatores sociais *escolaridade*, *faixa etária* e *gênero*. Do total de 3.308 ocorrências de 3PP analisadas, 2.314 (70%) apresentaram marcas de plural explícitas nos verbos, evidenciando tratar-se de um caso de variação estável na comunidade investigada, instanciada pela interação entre os seguintes fatores sociais e linguísticos estatisticamente relevantes: *paralelismo formal de nível oracional*, *escolaridade*, *paralelismo formal de nível discursivo*, *saliência fônica*, *posição do núcleo do SN-sujeito em relação ao verbo*, *traço semântico do sujeito*, *idade*, *gênero* e *tipo morfológico do sujeito*. Neste trabalho, buscamos tratar do fator social *gênero*, também selecionado como relevante no fenômeno variável em questão. Trataremos, ainda, das correlações entre esse fator e os demais fatores, evidenciadas, sobretudo, por seus cruzamentos.

**Palavras-chave:** concordância verbal, terceira pessoa do plural, português brasileiro, gênero.

### Introdução

Neste trabalho, por meio de pesquisa sociolinguística, analisaremos o fenômeno da concordância verbal (CV, daqui em diante) no dialeto do interior paulista, buscando demonstrar empiricamente que o fenômeno da variação na CV se evidencia em todos os níveis sociais, inclusive nos níveis sócio-culturais mais elevados, ainda que de maneira menos acentuada, conforme já atestaram trabalhos anteriores.

Sob a vertente variacionista, dentre os estudos já realizados sobre a CV, podemos citar o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977), para o dialeto carioca; o de Nina (1980), para o dialeto da Região Bragantina; o de Nicolau (1984), para o dialeto mineiro; o de Rodrigues (1987), para o português popular de São Paulo; o de Graciosa (1991), para a fala culta carioca; o de Rodrigues (1997), para o dialeto de Rio Branco; o de Anjos (1999), para a fala pessoense; o de Monguilhott & Coelho (2002), para a fala da Região Sul, os estudos de Gameiro (2005) e de Monte (2007), para a fala da região central do estado de São Paulo (São Carlos, Araraquara e Itirapina), o estudo de Rubio (2008), para a região noroeste do estado de São Paulo, além das inúmeras contribuições de Naro & Scherre (1999, 2000, 2003 e 2007) e Scherre & Naro (1998, 1999, 2000, 2001, 2005 e 2006).

Diante dos objetivos da pesquisa aqui relatados, este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: no item 1, apresentamos os pressupostos teóricos considerados para a elaboração de nossa pesquisa; no item 2, expomos os procedimentos metodológicos seguidos para a realização de nossa pesquisa e os critérios utilizados na composição do Banco de Dados Iboruna, utilizado como *cópus*. No item 3, encontram-se os resultados alcançados a partir da análise quantitativa e qualitativa, enfatizando, especialmente, o fator social *gênero*. Na última parte do trabalho, as considerações finais, apresentamos uma apreciação concisa dos principais pontos da pesquisa e dos principais resultados, à qual se seguem as referências bibliográficas.

### 1. Pressupostos teóricos

Para Labov (1972), algumas formas linguísticas assumem uma característica socialmente marcada e são ostensivamente estigmatizadas por outros grupos sociais que não as utilizam. Essas formas

costumeiramente caracterizam um grupo social específico e são chamadas de *estereótipos*. A caracterização de uma forma como estereotípica de um grupo vai depender da reação social (preconceito) que essa forma linguística irá gerar em outros grupos sociais.

Diante desse quadro, tem-se, portanto, que fatores de ordem social influenciarão sobremaneira as escolhas linguísticas dos falantes, em razão das “pressões” sociais que regularão a escolha de uma ou outra variante, ou seja, a inserção do indivíduo em um grupo social influenciará o seu comportamento linguístico, se não for o caso de realmente determiná-lo.

Fatores sociais como *gênero, escolaridade, profissão, classe social, religião, origem geográfica e contexto de fala* são importantes na caracterização do comportamento linguístico dos indivíduos.

Segundo Naro (2003), ainda que as organizações sociais de cada comunidade linguística possam possuir certas peculiaridades não previstas, há um comportamento considerado esperado. Por exemplo, falantes mais velhos costumam preservar mais as formas consideradas conservadoras, o que pode ocorrer também com pessoas mais escolarizadas, com camadas da população que gozam de maior prestígio social, com grupos sociais que sofrem pressão normatizadora, a exemplo de falantes do sexo feminino em geral, ou com pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação pública.

Relativamente às premissas aqui expostas, para o caso da CV no PB, a variante *presença de marcas de plural nos verbos* é considerada a *variante padrão*, visto ser a forma preconizada pela gramática normativa. Como consequência quase inevitável do efeito da pressão da norma sobre as escolhas linguísticas, a mesma variante foi eleita como a *variante de prestígio* na comunidade e detém também o rótulo de *variante conservadora*, fato considerado trivial na Sociolinguística. Na variação linguística, ainda que não seja categórico, em grande número de casos, a variante considerada *padrão* assume a posição de *variante de prestígio* e também de *variante conservadora*. Em oposição à variante padrão, tem-se a variante *ausência de marcas de plural nos verbos*, que, por consequência natural, assume a posição de *variante não-padrão*, por ser ignorada (ou não reconhecida) pela tradição gramatical. É *estigmatizada* pela sociedade, por estar presente, com maior frequência, na fala das classes sociais menos favorecidas, seja do ponto de vista econômico, ou seja, do ponto de vista cultural. É, ainda, considerada *inovadora*, em oposição à variante *presença de marcas de plural nos verbos*, considerada *conservadora*.

### 1.1 A CV no Português Brasileiro – a importância dos fatores sociais

Dentre os fatores externos ao sistema linguístico, alguns são inerentes ao próprio indivíduo e outros, às circunstâncias que envolvem o falante ou o evento de fala. Fatores sociais inerentes aos falantes são, por exemplo, faixa etária, escolarização, gênero, nível sócio-econômico etc, os quais influenciam conjuntamente a sua produção linguística. Ligado ao evento de fala, o contexto é também uma variável externa capaz de influenciar a produção linguística do falante, já que cada indivíduo possui um repertório linguístico que varia, dependendo de onde se encontra e da pessoa com quem fala. Situações mais informais de interação sugerem uma menor preocupação com a aplicação de concordância (MOLLICA, 2003).

O fator *idade* permite inferências acerca do desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas. Pelo chamado *tempo aparente*, é possível fazer uma projeção do comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento. A hipótese é de que a fala de pessoas com maior idade reflita a fala de alguns anos atrás, ao passo que a fala de pessoas de menor idade reflete a fala atual. As discrepâncias entre as duas falas são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos anos que separam os dois grupos.

A combinação desse fator e dos demais fatores sociais está relacionada também com a noção de prestígio, ou seja, falantes de certas classes sociais, de certas faixas de escolaridade, e, ainda, de gêneros diferentes tendem a apresentar comportamento diferente com relação à variação e à mudança linguísticas.

Para esse conjunto de variáveis sociais, as hipóteses subjacentes à investigação de qualquer fenômeno variável são as seguintes: (i) falantes de faixa etária mais elevada tendem ao uso da variável padrão, porque são mais resistentes à mudança do que falantes de faixa etária mais jovem, o que pode evidenciar uma mudança linguística em progresso ou uma variação dependente de gradação etária; (ii) falantes do sexo feminino tendem ao uso da variável padrão, porque reconhecem nela um fator de prestígio e de ascensão social, enquanto falantes do sexo masculino tendem ao uso de uma forma que o leve mais a se identificar com o grupo social de que faz parte do que com o prestígio que o uso de tal forma possa lhe conferir socialmente; (iii) falantes de nível sócio-econômico mais elevado tendem ao uso da forma considerada padrão, por conta do prestígio social conferido a tal forma; (iv) falantes de nível de escolaridade

mais elevado também tendem ao uso da variedade padrão, porque mais contato tiveram com os padrões normativos da língua.

Há de se advertir, entretanto, que nesse quadro geral existem variáveis sociais que se co-determinam e se cruzam na implementação da regra variável. Por exemplo, pode haver uma forte correlação entre as variáveis *nível sócio-econômico* e *nível de escolaridade*, pois se espera que, quanto mais alto o nível sócio-econômico maior será o nível de escolaridade e, portanto, uma propensão maior na aplicação dos padrões normativos da língua.

Desde o estudo precursor de Fisher (1958), que estudou a influência de fatores sociais na fala de crianças de uma comunidade rural da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, sabe-se que a escolha das variantes linguísticas é influenciada pelo *sexo*.<sup>1</sup> Fisher comprovou que falantes do sexo feminino usam mais a forma de prestígio - *ing* que os falantes do sexo masculino, que optam com maior frequência pela forma - *in*. Da mesma forma, em Labov (1966), constata-se que as mulheres empregam mais a forma padrão nova-iorquina do /r/- pós-vocálico do que os homens.

Em Wolfram (1969), Trudgill (1974), Guy (1981), constata-se que representantes do sexo feminino têm maior tendência para acompanhar as formas linguísticas consideradas padrão em uma comunidade, ou seja, as mulheres se mostram mais preocupadas com a norma imposta pela comunidade da qual faz parte.

Labov (1990: 210, 213, 215) sumariza os resultados sobre a influência do fator social *sexo/gênero* por meio dos seguintes princípios:

Princípio I: Ao se estabelecer uma estratificação sociolinguística, homens fazem uso, com maior frequência, de formas linguísticas não-padrão do que as mulheres.

Princípio Ia: Em fenômenos variáveis, as mulheres são mais receptivas às formas tidas como padrão na comunidade do que os homens.

Princípio II: Nas mudanças linguísticas que privilegiam formas prestigiadas na comunidade, as mulheres são mais inovadoras.

Romaine (*apud* CHAMBERS, 2001, p.353) afirma que as mulheres possuem mais consciência da pressão exercida pelas normas locais e também acerca do status inserido na estrutura social.

Rodrigues (1987), de acordo com os princípios preconizados por Labov (1990), afirma que as mulheres são mais conscientes e mais sensíveis ao significado social das variáveis linguísticas, o que faz com que sejam mais conservadoras quando as mudanças linguísticas estão operando em direção oposta à da variedade de prestígio. Quando a mudança caminha em direção a uma forma prestigiada, ainda que não obedeça à forma padrão da comunidade, as mulheres tendem a ser mais inovadoras.

Sobre essas determinações, os resultados de Scherre (1996) para a regra de concordância nominal no dialeto carioca mostram que, sob a atuação da variável *gênero/sexo*, os anos de escolarização colaboram para que as mulheres apliquem mais a concordância, ao passo que, para os homens, interferem na aplicação das marcas de plural, tanto a escolarização quanto o mercado ocupacional. O fator idade, nesse mesmo estudo de Scherre, é de pouca influência, tanto para informantes do sexo feminino quanto para os de sexo masculino, “indicando haver aumento da concordância na faixa etária de 15 a 25 anos para os homens, e na de 26 a 49 anos para as mulheres” (p. 263).

## 2. Procedimentos metodológicos e composição do corpus

Para o presente estudo, seguimos os preceitos metodológicos da sociolinguística variacionista propostos por Labov (1972), uma vez que os informantes que compõem o nosso corpus de pesquisa pertencem a um grupo social em cuja fala a concordância do verbo com o sujeito aponta para um fenômeno variável, como já identificado em trabalhos anteriores (RUBIO, 2006, 2007, 2008).

---

<sup>1</sup> Segundo Cheshire (2001), o termo *sexo* é normalmente usado para referir-se à distinção fisiológica entre homens e mulheres; já o termo *gênero* refere-se, normalmente, às diferenças sociais e culturais geradas pela diferença entre o *sexo*, ou seja, as restrições ou papéis sociais, oportunidades e expectativas de comportamento dos indivíduos. Acrescenta a autora que o termo *gênero* é, portanto, mais apropriado para o tratamento de fenômenos sociais. Em citações extraídas de outros autores, serão mantidas as designações originais, contudo, em nosso texto, será usado o termo *gênero*.

Para uma análise da CV na Região de São José do Rio Preto, optamos por selecionar uma subamostra de 76 entrevistas do Banco de Dados Iboruna.

A partir da análise dessas 76 entrevistas, a pesquisa foi feita procedendo-se, inicialmente, ao levantamento de todas as ocorrências pertinentes ao estudo da CV de 3PP, em que a CV é aplicada, como mostrado em (1) e (2), ou não, como em (3) e (4).

- (1) não houve nada de grave a não ser *algumas pessoas* que **ficaram** internadas até por alguns dias [AC-113, 1.88]
- (2) até no Maria *os aluno* **fumaram** e cheiraram no banheiro... né? [AC-015, 1. 860]
- (3) aí ela disse que **entrou** mais *dois meninos*... de manhã... AC-006, 1.416
- (4) ela tinha que casar com ele porque eles **ia** unir a fazenda deles lá o sítio [AC-144, 1. 10]

Considerando a importância atribuída anteriormente aos fatores sociais, buscamos manter a estratificação dos informantes, de acordo com a segmentação das variantes propostas para a composição do Banco de Dados Iboruna, a seguir descritas.

**a. idade:** i. 7 a 15 anos; ii. 16 a 25 anos; iii. 26 a 35 anos; iv. 36 a 55 anos; v. mais de 55 anos.

**b. gênero:** 50% (38) são do gênero masculino, e os 50% (38) restantes são informantes do gênero feminino.

**c. escolaridade:** i. 1º ciclo do Ensino Fundamental: informantes que possuem de 1 a 4 anos de escolarização; ii. 2º ciclo do Ensino Fundamental: informantes com escolarização entre 5 e 8 anos; iii. Ensino Médio: informantes que possuem entre 9 e 11 anos de escolarização; iv. Ensino Superior: faixa escolar de informantes com 12 anos ou mais de escolarização.

Para a análise quantitativa, o processamento de dados foi feito eletronicamente, empregando-se o “pacote” estatístico GOLDVARB e seus subprogramas, criados com a finalidade específica de tratamento de fenômenos variáveis.

### 3. Análise dos resultados

Foi analisado, em nosso trabalho, um total de 3.308 ocorrências de 3PP, dentre as quais 70% (2.314/3.308) apresentavam marcação de plural, enquanto 30% (994/3.308) não apresentavam a aplicação da CV. Na tabela 1, observam-se os percentuais acima apresentados.

Tabela 1: Número de ocorrências analisadas e percentual de aplicação e não aplicação de CV.

presença de CV	ausência de CV	Total
70% (2.314/3.308)	30% (994/3.308)	100% (3.308)

Era de se esperar que, para uma variedade do português considerada “caipira”, o percentual de ausência de CV fosse maior do que 30%. Entretanto, essa expectativa não se confirmou, baseando-se nas ocorrências extraídas da amostra que compusemos.

#### 3.1 Gênero

Conforme já aludido, nas comunidades urbanas do mundo ocidental, há uma tendência de que falantes do gênero feminino usem mais as formas de prestígio que falantes do gênero masculino, ou seja, normalmente os representantes do gênero feminino buscam aproximar sua fala da variedade padrão. Além disso, esse segmento social se mostra mais conservador se as mudanças linguísticas operam em sentido oposto à variedade padrão; do contrário, é mais inovador quando a mudança privilegia a forma mais prestigiada.

A hipótese para esse grupo de fatores era a de que informantes do gênero feminino apresentassem em suas amostras de fala um maior índice de CV do que os do gênero masculino, assim como encontrado em outros estudos presentes na bibliografia pesquisada. Vejamos os resultados na tabela 2.

Tabela 2: Frequência e PR de CV, segundo o grupo de fatores *gênero*

CATEGORIA	FREQUÊNCIA DE PLURAL		PESO RELATIVO
	%	F	
masculino	68%	1.129/1.666	.47
feminino	72%	1185/1642	.53

Observa-se, nos resultados apresentados acima, índices de frequência e de PR de CV maiores para informantes do gênero feminino (72% e .53) do que para informantes do gênero masculino (68% e .47), como previa a hipótese.

### 3.1.1 Comparação de resultados

Ao compararmos a atuação do grupo de fatores *gênero* na CV para diferentes variedades do PB, podemos notar grande regularidade nos resultados, os quais confirmam a premissa sociolinguística de maior tendência de representantes do gênero feminino seguirem os padrões normativos da língua.

Tabela 3: Pesos relativos de aplicação da CV para o fator *gênero*, em variedades do PB

VARIEDADE \ GÊNERO	SJRP – SP	RIO DE JANEIRO (SCHERRE & NARO, 1998)	RIO BRANCO (RODRIGUES, 1997)	SÃO CARLOS (MONTE, 2007)
masculino	.47	.45	.46	.45
feminino	.53	.54	.53	.55

É importante ressaltar que a regularidade se mantém até mesmo nos resultados de Monte (2007), que considerou apenas informantes com escolaridade nula.

### 3.1.2 Cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *escolaridade*

Abaixo, na tabela 4, apresentamos o cruzamento dos grupos de fatores sociais *gênero* e *escolaridade*.

Tabela 4: Cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *escolaridade*

escolaridade \ gênero	Masculino		feminino	
	%	F	%	F
1º ciclo do E. Fundamental	69	169/245	46	148/325
2º ciclo do E. Fundamental	55	336/612	67	317/472
Ensino Médio	71	316/443	78	252/324
Ensino Superior	84	308/366	90	468/521

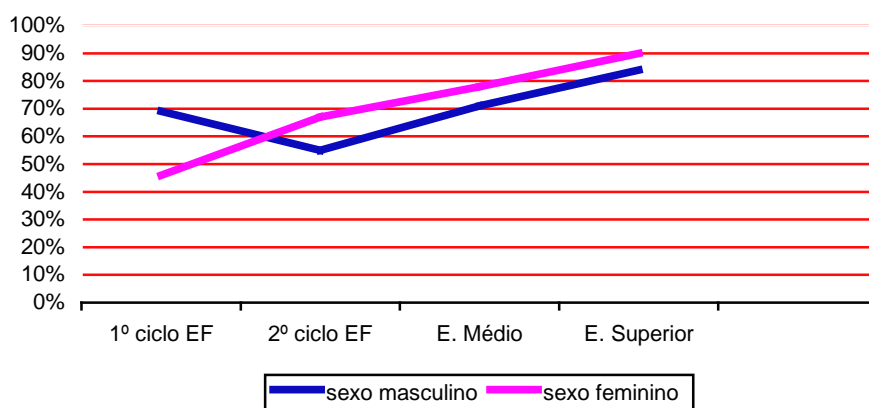


Gráfico 1: Cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *escolaridade*

Ao observarmos o índice de CV apenas entre informantes que possuem o 1º ciclo do Ensino Fundamental, verificamos que os representantes do gênero masculino realizam a CV com maior frequência do que os do gênero feminino, o que, contudo, não é observado entre os informantes dos demais níveis de escolaridade, nos quais informantes do gênero feminino aplicam mais as marcas de plural do que os do masculino.

Em Rubio (2006), demonstrou-se que representantes do gênero feminino e os falantes mais escolarizados são mais sensíveis ao significado social das variáveis linguísticas, e, desse modo, buscam se adequar mais à norma culta, em situações de maior preconceito linguístico, como é o caso da não concordância de 3PP.

Por meio do gráfico acima, vemos que tanto informante do gênero masculino quanto os do gênero feminino, a partir do momento que adquirem um grau de escolaridade mais elevado, tendem a aplicar com maior frequência marcas de plural nos verbos. O índice de pluralização cresce gradativamente, subindo de 69% para 84%, no caso dos informantes masculinos, e saltando de 46% para 90%, no caso dos informantes do gênero feminino. A diferença entre o aumento de percentual dos representantes do gênero masculino e dos representantes do gênero feminino reside na atuação do fator escolaridade em conjunto com o fator gênero. Como já mencionamos anteriormente, representantes do gênero feminino possuem maior sensibilidade à estigmatização de uma variedade linguística, da mesma forma que os falantes mais escolarizados também a possuem; dessa forma, as duas forças atuam em conjunto e fazem com que as frequências aumentem em maior proporção do que para os falantes do gênero masculino.

### 3.1.3 Cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *idade*

Na tabela 5, abaixo, estão expressos os resultados obtidos para o cruzamento dos grupos de fatores *idade* e *gênero*.

Tabela 5: Cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *idade*

idade \ gênero	7 a 15 anos		16 a 25 anos		26 a 35 anos		36 a 55 anos		+ de 55 anos	
	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F
masculino	58	221/382	75	224/299	71	193/270	74	255/345	64	236/370
feminino	54	122/227	75	181/240	66	194/295	76	329/431	80	359/449

Pelo cruzamento acima podemos notar que as diferenças de percentual entre o gênero masculino e o feminino não são muito marcantes, na maioria das faixas de idade, não ultrapassando os cinco pontos percentuais. Na faixa etária mais avançada, a diferença entre os percentuais de CV de falantes do gênero masculino e do gênero feminino chega a 16%, o que não deixa de ser uma diferença significativa, que, sem dúvida, contribuiu, inclusive, para que a taxa de pluralização feminina superasse a taxa de pluralização dos informantes do gênero masculino. O alto índice dessa faixa etária pode explicar também o PR elevado para esta faixa etária (.57), e nos leva a afirmar que, considerando somente os informantes do gênero feminino, a hipótese de que os mais idosos são mais resistentes à forma inovadora confirma-se para a subamostra.

### 3.1.4 Cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *posição do sujeito em relação ao verbo*

Ainda que seja pouco comum o cruzamento entre fatores linguísticos e sociais (extralinguísticos), alguns fatores linguísticos são mais perceptíveis aos falantes e, por essa razão, mais característicos de certos grupos sociais, que, deliberadamente, podem escolher entre uma forma alternante e outra.<sup>2</sup>

Seguem abaixo a tabela e o gráfico referentes ao cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *posição e distanciamento do sujeito em relação ao verbo*.

Tabela 6: Cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo*

<sup>2</sup> Conforme salienta Coelho (2006), no uso alternante dos pronomes *a gente* versus *nós*, os falantes mais escolarizados fazem uso, com maior frequência, da forma *a gente*, que não exige pluralização verbal, provavelmente, motivados pelo desejo de evitar desvios de concordância. Segundo o autor, o mesmo comportamento não ocorre com os menos escolarizados, que usam com maior frequência o pronome *nós*, com ou sem a pluralização verbal.

pos. do sujeito gênero	pré-verbal 0-2 sil.		pré-verbal 3-10 sil.		pré-verbal + 10 sil.		pós-verbal	
	%	F	%	F	%	F	%	F
masculino	70	738/1061	57	53/93	50	8/16	23	17/73
feminino	76	876/1146	65	75/116	75	12/16	15	10/65

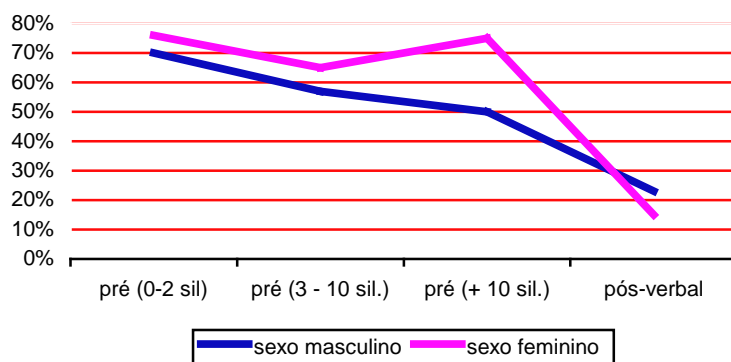


Gráfico 2: Cruzamento dos grupos de fatores *gênero* e *posição do núcleo do sujeito em relação verbo*.

Pelo cruzamento dos fatores representados no gráfico acima, é interessante notar que os índices para falantes do gênero feminino são mais elevados em todos os contextos de sujeito anteposto ao verbo e, somente no contexto de posposição do sujeito é que os percentuais se invertem, e falantes do gênero masculino realizam a CV com maior frequência do que os do gênero feminino.

Como já mencionado anteriormente, acreditamos que integrantes do gênero feminino, por serem mais sensíveis ao significado social das variantes linguísticas e evitarem formas menos prestigiadas dentro da comunidade, em contextos de sujeito anteposto, em que se nota com maior clareza a relação de concordância, evitam a não aplicação da CV, porém, para contextos de posposição do sujeito, em que a relação de concordância interposta entre sujeito e verbo não é facilmente notável na oralidade, podendo os sujeitos ser facilmente confundidos com objetos da sentença, apresentam, com maior frequência, a não pluralização do verbo. Considerando a ocorrência (5), extraída da amostra de um informante do gênero feminino, pode-se notar que o sujeito da sentença (*aquelas brigas*), posposto ao verbo, facilmente pode ser confundido com o objeto e, assim, não ser pluralizado pelo falante. Entretanto, em contexto como o de (6), a posição anterior ao verbo faz com que o falante (independentemente do gênero) note com clareza o elemento que se realiza como sujeito da sentença (*uns cara*).

(5) tal aí já **começou** *aquelas brigas* aí... fui pro terceiro colegial

[AC-052, l. 22]

(6) *uns cara* **encanou** com a:: com a Maristela que é:: que era namorado do Luciano

[AC-023, l. 55]

## Conclusões

Diante dos resultados apresentados para a CV, foi possível, em primeiro lugar, detectar que se trata de um fenômeno de variação, em que a variante padrão (presença da forma plural nos verbos) prevalece sobre a variante não-padrão (ausência da forma plural nos verbos).

Sobre o gênero em si, a hipótese de que mulheres aplicariam com maior frequência formas de plural nos verbos do que homens foi confirmada, visto que as frequências de aplicação de CV foram maiores para o gênero feminino e a diferença apresentada foi de apenas 4 pontos percentuais e. 06 de PR.

Ao compararmos os resultados de nossa pesquisa e os resultados apresentados por outras pesquisas que consideraram o fator *gênero*, foi possível verificar que, ainda que houvesse divergência quanto à escolaridade, houve grande regularidade de comportamento na aplicação da CV.

Por meio do cruzamento do grupo de fatores *escolaridade* com o grupo de fatores *gênero*, chegamos à conclusão de que a escolarização exerce maior influência sobre falantes do gênero feminino do que sobre falantes do gênero masculino, já que há uma relação diretamente proporcional entre aumento de escolaridade e aumento de frequência na pluralização do verbo em maior percentual para aqueles do que para estes.

No cruzamento entre o grupo de fatores *posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo* e o grupo de fatores *gênero* foi possível perceber que, para sujeitos pré-verbais, falantes do gênero feminino aplicam com maior frequência as marcas de plural, pela maior percepção, no caso desses sujeitos, da necessidade de pluralização dos verbos; para sujeitos em posição pós-verbais, informantes do gênero masculino realizam mais a CV.

Ao considerarmos os resultados apresentados por alguns fatores, principalmente de ordem social, é possível afirmar que a implementação da variável não-padrão (ausência de CV) não irá ocorrer de forma plena na comunidade de fala pesquisada. Levando-se em conta o grupo de fatores faixa etária, principal grupo considerado na verificação da implementação gradativa de uma mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006), os índices exibidos atestam que se trata de uma variação estável, já que, conforme dito anteriormente, não há aumento gradativo em relação direta com o aumento da faixa etária.

## Referências bibliográficas

- ANJOS, S. E. dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense*. 1999, 188f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- CHAMBERS, J. K. Patterns of Variation including Change. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., CHESHIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: British Library, 2001.
- CHESHIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: British Library, 2001.
- COELHO, R. F.. *É nós na fita! Duas variantes linguísticas numa vizinhança de periferia - O pronomes de primeira pessoa do plural e a marca do plural no verbo*. 182f. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística).
- FISHER, J. L. *Social influences on the choice of a linguistic variant*. Word, 14: 47-56, 1958.
- GAMEIRO, M. B. *A concordância verbal na língua falada da região central do estado de São Paulo*. 2005. 198f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. 1991, 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro,.
- GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. University of Pennsylvania, 1981. Ph. D. Dissertation, mimeografado.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language variation and change*, n.2, 1990, p. 205-254.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LEMLE, M., NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: MOBRAL/Fundação Ford, 1977.
- MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.
- MONGUILHOTT, I. O. S., COELHO, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002, p. 189-216.
- MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. 2007, 114f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NARO, A. J. The social and Structural Dimensions of a Syntactic Change. *Language*, LSA, v. 57, n. 1, 1981.
- NARO, A.J., SCHERRE, M. M. P. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K. (eds.) Frankfurt am Main, TFM, 2000.
- \_\_\_\_\_. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 1999, pp. 26-37.
- \_\_\_\_\_. A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do *que* relativo. In: HORA, D., COLLISCHONN, G. *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, pp. 383-401.
- \_\_\_\_\_. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- NINA, T. de J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. 1980, Dissertação (Mestrado) – PUC/RS, Porto Alegre.
- RODRIGUES, A.C.S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese de Doutorado. USP, FFLCH, São Paulo, 1987.
- RODRIGUES, D. A. *A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco*. 1997, 198f. Dissertação (Mestrado em linguística) – UNICAMP, IEL, Campinas.



- RUBIO, C. F. *A concordância verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural no dialeto do interior paulista: versão preliminar*. 2006, 60f. Relatório de Iniciação Científica – UNESP, São José do Rio Preto.
- RUBIO, C. F. Por uma definição da variante estigmatizada na concordância verbal no interior paulista: a atuação da variável *gênero/sexo*. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), Araraquara, v. 36, p. 380-388, 2007.
- RUBIO, C. F. *A concordância verbal na região noroeste do Estado de São Paulo*. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: Ruffino, G. (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. Centro di Studi Filologici e Linguistici Sicilliani. Università di Palermo. Tubingen: Max Niemayer Verlag, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Shifting control: the use of agreement in written language*. Annual Meeting of the Michigan Linguistic Society. East Lansing: Michigan State University, Department of Linguistics and Germanic, Slavic, Asian & African Languages, 1999.
- \_\_\_\_\_. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas sujeito simples. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K (orgs.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, pp. 135-165.
- SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. Sobre as origens estruturais do português brasileiro: criouliização ou mudança natural? *Papia - Revista de crioulos de base Ibérica*, Brasília: Thesaurus, 2001.
- \_\_\_\_\_. Passado e presente na concordância de número em português: evidências do português europeu moderno. MASSINI-CAGLIARI, G. et alii. (orgs.). *Estudo de linguística histórica do português*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro*. SCRIPTA, Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, v. 1, n. 18, 2006. p. 162-185.
- \_\_\_\_\_. Breve histórico do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua (PEUL). In: SILVA, G. M.O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos – análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction*. Great Britain, Penguin Books, 1974.
- WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LHEMAN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-195.
- WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- WOLFRAM, W. A. *A sociolinguistic description of Detroit Negro speech*. Washington, D. C., Center for Applied Linguistics. 1969.